

## BREVE NOTICIA SOBRE

### « AS VISÕES DE HOJE »

I

O primeiro lugar entre os jovens poetas da nova geração brasileira pertence inquestionavelmente a Martins Junior.

Intelligencia superior; illustração avultada, inspiração ardente, rithma facil e copiosa; vistas largas; em synthese os dotes deste moço distincto, deste batalhador audaz que impõe-se a nossa admiração e ao nosso orgulho; que inscreve, sem padrinhos e pelo esforço unico do seu talento, o seu nome no Pantheon da litteratura patria Martins Junior é uma individualidade pujante, saliente. Adepto sincero do positivismo na ramificação dirigida pelo grande espirito que acaba de desaparecer—E. Littré. Martins Junior tem uma intuição clara e segura dos fins da poesia moderna. Sabe perfeitamente que o poeta de hoje não deve mais ser o desgraçado sonhador—o pobre doente da imaginação na expressão de Stael, o visionario, o choramingas, o homem, emfim, alheio ao seu tempo, á vida, ao mundo, á realidade. Poz de lado Lamartine para estudar Hugo; trocou a Missiada pelos Luziadas, e, em vez de ler as magnificas frioleiras de Chateaubriand, pensa seriamente com Spencer, Darwin e Haeckel. Dessa intimidade honrosa salutar o distincto moço conseguiu desprender o seu valente espirito das cobardias da fé e o seu caracter das cobardia da metaphysica. Venceu-as de um golpe: e sobre os destroços desse castello edificado sobre areas; assentou o solido alicerce de uma illustração forte, arraigada, convencida, fructifera.

O theologismo que um espirituoso escriptor chama—sciencia do infinitamente absurdo, não pode ter e não tem mais poesia. As ficções mythologicas, as visões espirituaes, alvas, radiosas, seraphicas, ha muito foram relegadas do dominio da poesia pelo senso commum.

O cyclo theologico encerrado, definitivamente morto, não ha tentar rompelo. O espirito moderno, profundamente desabusado das chimeras beatificas, não presta mais adhesão nem se interessa mais por essas excellentissimas divagações hystericas de cerebros enfraquecidos.

A medicina faz justiça as aparições celestes. E' assim que um alienista qualquer em lugar de mandar para o céu, por exemplo, uma S. Thereza, a enviaria caridosamente para um hospital de loucos.

A verdade é esta.

Por outro lado, a metaphysica impotente, desprotegida, não tem mais o poder de satisfazer as aspirações da consciencia moderna. A sua missão critica findou-se. Reconstruíram-se completamente as sciencias; formaram-se novos methodos e tudo neste momento mostra um aspecto novo, imponente, sublime. Com uma accentuação toda positiva as sciencias estendem seus dominios por todos os multiplos ramos dos conhecimentos humanos, prendendo-os á uma só cadeia—o methodo scientifico. De tudo isto resulta que—a terra ou o céu: as profundezas geologicas ou as profundezas atmosphericas: o homem, a cellula ou o plassen; o microcosmo ou o macrocosmo; a planta ou a arvore; os vapores ou os astros; o grão de areia ou a montanha, em uma palavra, o universo é regido por uma só lei, imperiosa, fatal. O homem moral ou o homem physico e conjuntamente a materia bruta ou a materia viva—regem-se pela esmagadora pressão das fatalidades cosmicas. Cada ser nessa harmoniosa combinação universal occupa o seu lugar; desenvolve-se no seu meio. O homem, acorrentado como os outros seres seus irmãos, como o Prometheu da fabula ao seu rochedo, apparece, brilha e desaparece, como um passageiro areolito e debalde tenta, em seu vão orgulho dominar como soberano. Entretanto para viver faz-se mister sustentar todos os dias, tenazmente, terrivelmente uma guerra de morte! Tem de vencer ao vento que copra, a onda que cresce, a chuva que cahe, o raio que fulmina, as trevas que regam. Tem de lu-

tar contra o veneno da serpente, de vencer ás fúrias da vaga, as garras do tigre. Não ha necessidade de evitar de alguma sorte as crueldades dessa lei immensa, possivelmente esmagadora—que criou os grandiosos productos industriaes.

Como o tigre ou como o selvagem, nós, os homens soberanos da terra, fomos cervas, rudes, sanguinarios. Vagamos desbertados, nus, desarmados pelas peraltivas florestas anti-historicas, vivendo de pregas como o leão do deserto. Afinal vencemos o raio pela electricidade; as distancias pelo telegrapho; os ventos pelo vapor, em uma palavra, da propria natureza tiramos armas para combater-a. Mas nenhum beneficio deixou de custar rios de sangue. Quando não eram as forças physicas da natureza eram as forças physicas do padre romano. Tivemos a traz de nossos passos sempre um rastro de sangue; sempre diante de nós os clarões sinistros das fogueiras fradescas. Vencemos, é certo; mas regamos cada palmo de terreno conquistado com o nosso suor; não grado as excommunhões e a ira secular que o convento vota ao progresso, que o padre vota ao homem. Pujante, viril a humanidade caminha avante, dirigida pela sciencia, sem se preocupar com o Syllabus, sem se lembrar do impotente deus do vaticano.

Este grande triumpho mais do que á nenhum outro devemos á A. Comte, o profundissimo creador da socialogia, o co-ordenador admiravel da independencia hierarchica das sciencias.

Encadeiadas, unidas, justapostas, as sciencias avassallam, dominam tambem todas as manifestações estheticas da intelligencia humana. A poesia por isto, toma hoje uma fórme mais vasta e profunda e a missão do poeta é concretisar n'uma synthese luminosa as tendencias do espirito moderno. De subjectiva, de indefinida, de vaga, a poesia deve ser objectiva, real; não uma repetição secca de uma verdade, de uma lei; mas a synthese dessa verdade, dessa lei. Esta fórma monista da poe-



sia moderna, em lugar de rebaixar a natureza, eleva-se, porque, segundo a concepção monista da natureza, toda materia viva é animada, tem uma alma e o mais maravilhoso de todos os phenomenos naturaes—que designamos ordinariamente pelas palavras—*alma* ou *espirito* é precisamente uma propriedade geral de tudo que vive (1). A mais nobre e sublime idéa que pôde dominar o genio do poeta é sem duvida saber que o mais pequeno vermesinho como a mais imperceptivel planta; que em todo infuzorio microscopico unicellular, como no cerebro humano, existe uma alma individual, uma alma que participa connosco dos dons da natureza; que ama, quer, sente e vive conscientemente. E' uma consolação a contemplação calma dessas myriadas de entesinhos lutando, como nós, pela existencia; como nós vivendo, provando deleitosas sensações e derramando em torno de si, na sua prole, as inconcebiveis ternuras do seu coraçãozinho amoroso. Que epopéa romantica equivale a essas singulares existências circum-criptas n'uma cellula! que consoladora não é a idéa de que tudo em torno de nós tem vida, pensa, ama e quer, que na serie indefinida dos seres que povoam o universo desde o protoplasma, a monere até o maior dos mamíferos todos gosam o seu quinhão de felicidade!

A poesia assim tem uma dupla vantagem: é verdadeira e util, isto é, verdadeira porque apoia-se na sciencia é util porque exige conhecimentos da parte do poeta. Demais, a sua influencia no vulgo actua de um modo bemfazejo; instrue, apagando-lhe do espirito os vezes supersticiosos, as toleimas theologicas.—Sabe-se por exemplo, que o homem está collocado na primeira das sete familias dos primatas entre os animaes vertebrados, em uma palavra, é um anthropoide. O poeta tem obrigação, si quizer ser do seu tempo, de considerar sempre o homem tal como elle é.

Assim entendida e executada a poesia eleva-se mais; toma proporções mais sérias e consoladoras, lançando no espirito publico os germens de verdades que lhe eram desconhecidas e o preparando para receber mais tarde, sem transição rapida, afirmações mais desenvolvidas.

## II

As « Visões de hoje », creio, tem o duplo fim indicado. Escriptas debaixo de um methodo scientifico e versando sobre um thema ignorado pela maior parte do publico podem e hão de trazer em algum espirito mais alentado e pesquisador desejos de indagar e tirar a prova do que avança o poeta.

E o que se der ao glorioso trabalho de ler uma pagina de um livro qualquer de propaganda scientifica será um novo obreiro, um adepto de mais e um homem salvo.

Entretanto o trabalho executado pelo joven poeta, si não tem o rigor do methodo; si por ventura não está rigorosamente

(1) Haekel.—Essais de psychologie cellulaire trat. p. J. Soury.

(N. do autor.)

que não julgo, pois ver por  
que nos abrisse a de-  
clarar contra os ataques de algum exa-  
gado crítico: Martins Junior é um rapaz  
de 20 annos e é o primeiro que no Brasil  
inicia a poesia scientifica. Teixeira de Sou-  
za, é certo, publicou uns ensaios de poe-  
sia scientifica; mas, comprehendida como  
a execuculo, toma uma forma didactica e  
descarnada, verdadeiro escolho que todo  
bom poeta deve evitar cuidadosamente.

Martins Junior, poeta de grande futuro  
e já distintissimo não obstante a sua curta  
idade, teve uma intuição clarissima da  
sua missão e de um modo original realizou  
o seu pensamento.

Na introducção, o poeta, a modo de G.  
Junqueira, figura uma visão que lhe falla,  
lhe inspira, lhe ensina. Os versos alexan-  
drinos cheios, retumbantes, fortes, sem  
arreganhos metaphysicos, sem exquisites  
de estilo, captivam, subjogam a attenção.

E' um perystilo magnifico. Depois en-  
tra-se no vasto templo illuminado, singelo,  
mas formosissimo. A veia genial de Mar-  
tins Junior derramou naquellas paginas  
uma caudal de sangue fecundante, creador,  
robusto.

O primeiro canto na primeira visão é  
um painel soberbo. Vede: é o appello  
formal, cathorico aos

## VOLUNTARIOS D'ALMA, OS HOMENS BONS DA LIDA DO FUTURO

para se alistarem nos arraiaes da sciencia.  
O homem tem o dever de instruir-se, de  
esclarecer-se. Por pouco que possamos  
dedicar-nos ás letras, ás sciencias, todos  
temos a obrigação de illustrar o nosso es-  
pirito, de escoltal o das babozeiras theo-  
logicas de sermos, em uma palavra, dig-  
nos de nosso tempo. Distinguimo-nos uns  
dos outros por isto: pela intelligencia. Os  
privilegios de familia, de sangue, de raça,  
acham-se extinctos. A democracia mo-  
derna abalou pela base os preconceitos  
medievaes; collocou o throno sob a pro-  
tecção das leis e fez dos reis uns automatos  
inuteis.

A idéa republicana triumpha. Os povos reclamam os seus direitos confiscados, e mais de uma vez têm tomado represalias fataes contra os seus oppressores. O estado futuro do mundo é claro, pertence á democracia. Para ella tendem as aspirações do homem, quer europeu, quer americano.

Mesmo nós os brasileiros, que somos na escala dos povos cultos iguaes ao portuguez, nós, máo grado a rhetorica optimista dos nossos preclarissimos politicos, marchamos a olhos vistos para uma conflagração revolucionaria. Os governos que entre nós metamorphoseam-se ao aceno da magica bengala imperial tem lançado a tona da opinião uma descrença profunda. Os dous partidos que lutam pelo poder, ambos desmoralizados, ambos inconscientes, hypocritas, sem programma, governados por uma só cabeça—o rei—decahiram perante a opinião sensata e imparcial. Quem seriamente julga possível reformas salutaes hoje? quem as julgará possíveis amanhã?

Os reis vão-se, eis o facto.  
O movimento nihilista que a esta hora convulsiona o grande imperio moscovita não é uma excepção, uma aspiração isolada. As tyrannias produzem isso: a bala e punhal regicida. Vencem-se os reis pelo dynamite, assim como elles nos vencem pelos soldados. Matam-nos, matamos. Contra o direito divino temos o direito humano, contra o direito theologico temos o direito publico. A evolução faz-se assim. As vezes produz 93: as vezes uma exposição. A historia contrasta esta lei: a ascendencia do terceiro estado: a ascendencia da burguezia, o reconhecimento dos direitos do homem, proclamados, aceltos, verificados. Podemos em uma palavra formular com o nosso poeta esta lei:  
A Republica é a synthese politica.

A proclamação desta lei, traz esta consequencia necessaria: a proclamação igualitaria de todas as religiões. O homem atheu ou beato, pouco importa, é antes de tudo cidadão. Nada vale a crença. As religiões são iguaes diante das sciencias e assim o devem ser diante da constituição. O estado não tem religião, é principio corrente do direito publico moderno.

As religiões, creações transcendentales, mysticas, tendem, n'um periodo mais ou menos remoto, a desaparecer. Todos os dias a religião perde um crente e os poucos que restam ou são, sem excepção, ignorantes, ou são, em regra, hypocritas. Somos testemunhas deste facto eloquente: os templos, os confissionarios despovoam-se. A gente que frequenta ainda as igrejas—é a escoria social, o povileo estúpido, as mulheres velhas. Quantas familias atulham os templos? quantas vão ao confissionario? O sacerdote, por outro lado, não merece fé e descrê. Elle conhece a improficuidade de uma missa, a não ser no ponto de vista monetario. Uma missa rende um patacão, mas não faz um milagre.

Os avisos de religiosidade que translu-

tem, intermitentemente aqui e ali, desolado, não a estabilidade da crença; mas a obstinação que acompanha e arraiga-se no cerebro de um povo que atravessá o periodo do feticchismo rudimentar. Os proprios padres conhecem a degenerescencia da religião e, nos seus periodicos, não cessão de repetir que a impiedade, a podca fé etc. subrojam. É porque? A resposta é vista: porque a fé se apaga nos comações; porque a religião morre. Pode-se sem erro repetir a phrase sombria que gritaram no escuro dos mares sicilianos: os deuses vão-se.

Mas em lugar d'elles, dessa cohorte ocioso dos alcaceres celestes, erige-se o principio da religião da humanidade, realisando-se assim a apothese dos homens que illostraram e deram um avanço ao espirito geral dos povos. Deixa-se de parte esses santos sujeitos, nojentamente ridiculos para honrar-se á homens que gastaram a sua vida no empenho glorioso de crear novos productos ou meios de nosso engrandecimento material e moral.

É isto que Martins Junior diz na ultima visão. Acompanha o homem desde as primeiras manifestações religiosas; desde o feticchismo até o monotheismo. Foi longo periodo, esse. Perde-se na noute das eras miocenas a cellula, o vibrão da crença. Como a idéa religiosa surgiu na mente humana! Quem sabe? talvez pela contemplação das scenas da natureza; talvez pelo medo. Como quer que seja, o facto é este, todas as religiões entram na phase de decadencia. Onde encontrar-se apoio para a fé n'um terreno minado pela sciencia?

III

[Conclusão]

O que venho dizendo é em prosa descorada, immerita, o transumpto da idéa geral que presidio e dirige a musa de Martins Junior.

O seu poema, para mim, tem um senão—o nome. Uma visão é uma hallucinação religiosa. Qualificar de *visões* as suas palavras é de um máo gosto, principalmente tendo o poeta de fallar em nome da verdade scientifica. Para que não escolheu outro titul? Outra cousa: *visão* da introdução é a *visão* da introdução de D. João. Quizera que Martins Junior fosse original em tudo.

Para que idear essa musa vaporizada, sylphidica? Não fôra melhor ao poeta ter-se deslindado completamente de tudo quanto indica de perto ou de longe um assonho mystico? A allegoria de que serve? que concurso favoravel de circumstancias trouxe-lhe essa mulher

esculptural, magnetica, radiante?

Melhor fora, parecer-me, que o poeta fallasse por sua propria bocca. Isto trazia duas vantagens: primeira, mostrava a sua coragem em dizer a verdade; a segunda tornava-o mais realista, mais positivo, mais serio.

Uma *visão* é sempre o producto de um cerebro enfraquecido, doentio, hysterico. Quem vê, ouve e falla á uma *visão*, não vê, não ouve, nem falla á realidade. Quizera, pois, que o poeta tivesse evitado estes senões; senões que, afinal, podem ser considerados como um feio nome em uma moça bonita.

Mas, encerrando este parenthesis, Martins Junior conseguiu o que é dado esperar de um moço brasileiro, atrellado, peiado pelo nosso meio funestissimo. Talento e vocação poetica superiores á todos os mais poetas que enchertam o nosso pequenino parnaso; fortalecido por estudos superiores aos que se fazem em nossas pessimas academias de direito, o nosso poeta precisou de uma fortissima pujança intellectual para romper a vulgaridade do *statu quo* poetico que domina as musas nacionaes.

Quanto a mim, o unico rival digno de Martins Junior é o meu collega e saudosissimo amigo Virgilio Brigido—uma das primeiras notabilidades poeticas da moderna geração.

Mas V. Brigido, hoje formado e occupando uma modesta promotoria no Rio Grande do Norte, não terá estimulo necessario para continuar a sua carreira brilhantemente iniciada pelos « Cantos do Amanhecer. » Aquella formosissima intelligencia dentro em breve será tragada pela onda tabida da politica e perdemos, por certo, o digno successor de J. de Alencar. A liça, portanto, está aberta á Martins Junior. A sua ambição de glórias, o desejo de conservar a posição que occupa hão de afervorar cada vez mais o seu amor pelo estudo.

Concluindo estas linhas, peço permissoão para fazer uma nota toda pessoal. Fui o primeiro que em publico, em um artigo critico, rendeu as primeiras homenagens ao brilhante talento de Martins Junior.

Sinto certo amor proprio vendo-o hoje confirmar pelo seu magnifico poema o meu desapassionado juizo; juizo que alguns julgarão oriundo dos estreitissimos laços de amizade que me unem ao moço pernambucano.

A baldia critica invejosa, suja, zarolha ha de morder as plantas do joven poeta; mas, estou certo, e espero, que os homens tidos, de consciencia para, sinceros hão de farzer a devida justiça ao poeta das—«Visões de hoje.»

Theresina—julho—1881.

C. Freitas.